

## Empresariado quer eleições em todos os níveis do Legislativo e Executivo

por Antônio Gutierrez de São Paulo

A simples definição do mandato presidencial não basta. Alguns empresários pugilistas defendem eleições em todos os níveis. Esta seria maneira de se criar uma estabilidade política e estimular a retomada dos investimentos do setor privado. "O mais importante não é o mandato, mas um pacto político que passe por eleições gerais em todos os níveis", afirmou o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores, Pedro Eberhardt.

"Defendo eleições gerais para acabar com a ditadura do partido único", disse o presidente da Indústria de Calçados do Estado de São Paulo, Sebastião Burbulham. Por outro lado, ele tem suas dúvidas quanto à eficiência do parlamentarismo. "Se um já não resolve, imagine se colocarmos mais gente", observou. O empresário, no entanto, está aberto ao parlamentarismo: "Vale como experiência".

Para Fábio Starace Fonseca, um dos coordenadores do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), o País já vive um sistema parlamentarista. "Hoje o presidente decide menos que os parlamentares", ironizou. De acordo com Fonseca, a definição do mandato do presidente não é suficiente para afastar o clima de instabilidade econômica e política. Isso se deve refletir nos investimentos que não devem ocorrer antes das próximas eleições.

De acordo com o presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee), Aldo Lorenzetti, a indefinição do mandato presidencial pa-

## "Definição acabará com as incertezas políticas"

por Coriolano Gatto do Rio

O mandato de quatro anos para o presidente José Sarney, definido pela Comissão de Sistematização, vai na prática encurtar o período de indefinição que o País está atravessando no momento. O diagnóstico foi feito pela economista Maria da Conceição Tavares, integrante da Executiva Nacional do PMDB.

"Em vez de dois anos de indefinições (na hipótese de Sarney ficar até 1990), teremos um ano (com elei-

rou o Brasil, econômica e politicamente. "Mas à medida que isso se for definindo, volta a existir um governo no Brasil não mais preocupado em buscar apoio político", disse. No entanto, a "volta de um governo" deve estimular investimentos apenas no ano que vem. "Teremos mais um ano de paralisação", frisou o presidente do Sindicato da Indústria de Instrumentos Musicais e Brinquedos, Emerson Kapaz. Para ele, esse hiato até as próximas eleições se caracterizará pela instabilidade.

### RENÚNCIA

O empresário Nildo Masini, um entre os vinte vice-presidentes da FIESP, também deseja eleições gerais. Contudo, ele quer que isso ocorra dentro de trinta dias. A sua proposta é que o presidente José Sarney renuncie imediatamente e que se suspendam os trabalhos da Assembleia Constituinte. "Estamos gerando uma Constituição dentro de um quadro de intranquilidade. Teremos uma Constituição totalmente casuística e futuramente teremos de fazer novas emendas", justificou Masini.

Apesar de garantir que sua proposta tem o apoio de "vários empresários", a colocação de Masini não foi endossada pelos empresários presentes ontem à reunião executiva da FIESP. "Eu prefiro não comentar a posição pessoal dele (Masini). Além disso, ele não participou da reunião onde esse assunto (mandato e regime de governo) nem sequer chegou a ser discutido", esclareceu o primeiro vice-presidente da FIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Para o presidente da entidade, Mário Amato, "esse não é um assunto que diz respeito ao empresariado".

ção em 1988) ou alguns meses (com a eleição do primeiro-ministro em março)", sintetizou a diretora do Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IEI-UFRJ).

O encurtamento do mandato de Sarney, raciocina Tavares, pode frear, portanto, as incertezas que dominam o cenário nacional, com o adiamento dos investimentos privados. A eleição do primeiro-ministro já no início do próximo ano, conforme foi aprovado pela Sistematização, vai apresentar um acerto externo.

## Ulysses, com distúrbio vascular, deve sair do Incor em três dias

por Adriana Vera e Silva de São Paulo

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, sentiu-se mal na noite de domingo — horas depois que a Comissão de Sistematização aprovou o mandato de 4 anos para o presidente José Sarney — e teve de submeter, no final da tarde de ontem, a uma microcirurgia no Instituto do Coração (Incor), em São Paulo, onde deverá permanecer por pelo menos mais dois ou três dias.

Ulysses chegou ao Incor às 10h25, acompanhado de sua esposa, D. Mora, sua irmã, d. Ruth Guimarães, e de seu enteado, Tito Henrique Silva Neto, além do secretário particular, Osvaldo Manicardo. Ao dar entrada no hospital, o deputado negou que tivesse passado mal.

Segundo declarou à imprensa, sua ida ao Incor era para "exames de rotina. É melhor prevenir do que remediar".

No final da tarde, o dr. Adib Jatene, diretor do Incor, disse que Ulysses havia realmente sentido "dores no peito por algum tempo".

## Benevides assume a liderança

por Zanoni Antunes de Brasília

No final da tarde de ontem o presidente em exercício da Assembleia Nacional Constituinte, senador Mauro Benevides (PMDB-CE), convocou os líderes partidários e os integrantes da Mesa para informá-los de que o deputado Ulysses Guimarães havia sido submetido a um exame de angioplastia, no Instituto do Coração, e que o seu estado clínico era bom. Benevides garantiu aos líderes que Ulysses Guimarães retornará às suas atividades normais em três dias.

Durante o encontro, o senador discutiu com os integrantes da Mesa da Assembleia Constituinte o novo cronograma que vigorará com o término dos trabalhos da Comissão de Sistematização, previsto para o final deste mês. O assunto foi levantado na reunião por causa do temor manifestado pelos líderes de que a súbita internação do presidente Ulysses Guimarães pudesse paralisar as negociações sobre as alterações nos prazos da Constituinte.

A reunião dos líderes

A dor passou com um Esordil sublingual (um vasodilatador)". Mas o distúrbio vascular sofrido pelo deputado "não foi um enfarto", afirmou o dr. Jatene.

Ulysses negou, também, que a causa de seu problema fosse preocupações com os resultados da Comissão de Sistematização: "Se eu ficasse aflito por causa de política, estaria enterrado há muito tempo", brincou.

Depois de exames realizados no Incor, durante a manhã (eletrocardiograma e cineangiocoronariografia), os médicos constataram uma obstrução quase total (95%) de uma artéria — chamada de D.A. — descendente anterior.

As 17 horas, Ulysses foi submetido a uma angioplastia, pequena intervenção cirúrgica que durou quarenta minutos e não exigiu a aplicação de anestesia geral. Segundo o dr. Jatene, a angioplastia "é uma alternativa à cirurgia, ou seja, a uma ponte de safena".

Trata-se da introdução de um pequeno tubo através de veias do braço até o local da obstrução. O

tubo (cateter) possui um pequeno balão em sua extremidade, cuja função é abrir o local fechado.

O boletim médico divulgado pelo Incor, às 18h30 informou que o resultado da angioplastia "foi amplamente satisfatório, conseguindo-se eliminar completamente a estenose subtotal (obstrução da artéria) que tinha sido diagnosticada".

O dr. Jatene explicou que há possibilidades de a artéria se obstruir outra vez. "Nos primeiros seis meses após a angioplastia, 20% dos pacientes sofrem uma reobstrução, mas a artéria pode ser dilatada novamente com outra angioplastia ou com cirurgia, dependendo de outros fatores."

Ulysses ficará no Incor por mais alguns dias "para repouso", disse o médico, "mas depois desse período de dois ou três dias poderá voltar às suas atividades políticas normais".

### VISITAS

Os governadores de São Paulo, Orestes Quércia, e do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, foram visitar Ulysses entre 16 e 16h15,

## Os líderes da "Velha República" reúnem-se e mostram-se descontentes

por Guilherme Barros do Rio

A Velha República viveu um momento de confraternização ontem ao reunir vários de seus expoentes na comemoração dos 70 anos do primeiro governador da fusão do Estado do Rio com a Guanabara, hoje presidente do grupo petroquímico Inipar, almirante Faria Lima, durante almoço na Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Estavam lá, entre quinientas pessoas, o ex-presidente da República, Ernesto Geisel, os ex-ministros Maximiano da Fonseca, da Marinha, Armando Falcão, da Justiça, e Quadt de Oliveira, das Comunicações, e o ex-senador Amaral Peixoto, além de empresários como Mário Amato, presidente da FIESP, Arthur João Donato, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, e Amaury Temporal, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

O tema principal das conversas e entrevistas durante o almoço, como não poderia deixar de ser, foi a aprovação pela Comissão de Sistematização da Constituição da redução do mandato do presidente Sarney para quatro anos e a adoção do parlamentarismo a partir de 15 de março do próximo ano.

Comungando da mesma tese de Falcão de que não existe ameaça de um golpe militar — "os militares não querem, o poder é civil", afirmou —, Maximiano da Fonseca, embora se declare parlamentarista, acha que a adoção desse tipo de governo agora poderá aumentar o clima de tumulto que a sucessão presidencial precipitará.

Já as lideranças empresariais presentes ao almoço evitaram pronunciamentos políticos. "A FIESP não se envolve em política", declarou seu presidente que, nas últimas semanas, tem intensificado seus contatos políticos no Rio, visitando autoridades, o governador Moreira Franco e o ex-presidente Geisel, visando, principalmente, ao apoio deles a alterações nos capítulos da Constituição que se referem à ordem econômica e social.

O homenageado do dia, almirante Faria Lima, em seu discurso de agradecimento, ressaltou a importância da fusão no Estado do Rio e foi um dos poucos a revelar condescendência com a Constituinte: "Numa de seus raras momentos de sensatez, ela não aprovou as emendas de desfecho dos estados", afirmou.

Contudo, Falcão afirmou estar confiante de que essas duas decisões serão derrotadas na votação plenária da Constituinte. A seu ver, por enquanto, a

Constituinte está dominada por uma pequena minoria que será vencida quando "centrão" passar a ter maior atuação. Sobre as eleições presidenciais, no ano que vem, comentou que não acredita numa vitória de Leonel Brizola, que ele não dispõe de bases fortes em colégios eleitorais importantes como São Paulo e Minas. "Não precisamos temer esse risco", definiu.

## "Parlamentarismo precipitará a sucessão", diz Fonseca

O ex-ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, hoje diretor da Petrobrás, considerou a aprovação pela Constituinte da redução do mandato e do parlamentarismo "uma faca de dois gumes". O lado positivo, segundo ele, é ter eleições no ano que vem, mas o negativo é que a campanha presidencial poderá provocar "tumultos" durante uma fase importante em que a Constituição será complementada com leis ordinárias.

Comungando da mesma tese de Falcão de que não existe ameaça de um golpe militar — "os militares não querem, o poder é civil", afirmou —, Maximiano da Fonseca, embora se declare parlamentarista, acha que a adoção desse tipo de governo agora poderá aumentar o clima de tumulto que a sucessão presidencial precipitará.

Já as lideranças empresariais presentes ao almoço evitaram pronunciamentos políticos. "A FIESP não se envolve em política", declarou seu presidente que, nas últimas semanas, tem intensificado seus contatos políticos no Rio, visitando autoridades, o governador Moreira Franco e o ex-presidente Geisel, visando, principalmente, ao apoio deles a alterações nos capítulos da Constituição que se referem à ordem econômica e social.

O homenageado do dia, almirante Faria Lima, em seu discurso de agradecimento, ressaltou a importância da fusão no Estado do Rio e foi um dos poucos a revelar condescendência com a Constituinte: "Numa de seus raras momentos de sensatez, ela não aprovou as emendas de desfecho dos estados", afirmou.

## Substitutos do deputado

Caso o deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, tenha de se licenciar dos cargos em virtude do problema de saúde que foi ocorrido no domingo, seus substitutos são: na Constituinte, senador Mauro Benevides (PMDB-CE), na Câmara, deputado Homero Santos (PFL-MG) e no PMDB, deputado Milton Reis (MG), que é o secretário

geral do partido, uma vez que o PMDB está sem nenhum vice-presidente, segundo a agência EBN.

Se Ulysses Guimarães tiver de se ausentar do Congresso Constituinte por mais de dez dias, é certo que a votação em plenário do projeto constituinte começará com a sua ausência e o senador Mauro Benevides irá presidir as votações de plenário.

partidários com o senador Mauro Benevides serviu para aliviar o clima de tensão que predominava na Constituinte. As primeiras informações tranquilizadoras foram passadas por telefone, através do médico Renault de Mattos, chefe do serviço médico da Câmara dos Deputados, autor da primeira cirurgia no presidente eleito Tancredo Neves, na madrugada de 15 de março de 1985, no Hospital de Base de Brasília.

O líder do PDT na Câmara, deputado Brandão Mon-

teiro (RJ), revelou, ao deixar a reunião, que as informações sobre o estado de saúde de Ulysses era de fato tranquilizadoras, mas considerou "uma brincadeira" a afirmação do senador Mauro Benevides de que o presidente da Constituinte e do PMDB retomaria suas atividades em três dias.

### MAL-ESTAR

Foi logo após deixar o Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente José Sarney, onde se desenrolou uma tensa reunião,

que o deputado Ulysses Guimarães sentiu-se mal. O presidente do PMDB e da Constituinte começou a passar mal assim que chegou em casa, após a conversa que manteve com o presidente da República, quando lhe transmitiu que o plenário da Sistematização havia decidido encurtar-lhe o mandato de cinco para quatro anos.

Com fortes dores no peito, Ulysses Guimarães recebeu os primeiros cuidados médicos de Rui Archer, irmão do ministro da Previdência Social, Renato Archer. Posteriormente, com a chegada do médico Renault de Mattos, o presidente da Constituinte foi submetido a três eletrocardiogramas, com auxílio do cardiologista André Esteves.

O primeiro apresentou alterações nos batimentos cardíacos e os restantes foram normais. Como houvesse discrepância, os médicos acharam prudente submeter o deputado a uma nova e mais completa bateria de exames. Ulysses Guimarães só aceitou ser transferido para São Paulo porque acreditava que regressaria para Brasília no mesmo dia.